

FLORESTAS: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

por LIANA JOHN / AE

As florestas sempre foram - desde a pré-história - uma espécie de armazém geral dos homens: enormes reservas de alimento vegetal e animal, fontes de energia, fontes de madeira para barcos, fortalezas, casas e inúmeros artefatos e instrumentos humanos, além de "farmácias" de ervas medicinais e tinturas cosméticas. Um armazém gratuito, para o qual o homem nunca colaborou na "formação de estoques" por acreditar que os recursos eram infinitos.

Os cientistas do Worldwatch Institute, WWI - organismo especializado em levantamentos internacionais dos recursos naturais - estimam que há 10 mil anos atrás, as florestas de todo mundo cobriam cerca de 34% da superfície terrestre. Os desmatamentos ocorrem desde que o homem inventou o machado, mas, antes, ocorriam numa escala que permitia a regeneração natural. As grandes devastações só começaram com a Revolução Industrial, no século passado, devido à retirada de lenha para movimentar as caldeiras das fábricas, trens, navios. Teria sido consumido, entretanto, "apenas" 2% da cobertura vegetal total, sobretudo nos Estados Unidos e nos países europeus. O maior saque ao "armazém geral" teve início, de fato, a partir dos anos 50: com máquinas mais poderosas e novas tecnologias foram derrubados trechos inteiros das florestas do Japão, Filipinas, sudeste asiático, África sub-saariana, América Central, oeste norteamericano e leste sul-americano. O homem venceu o frio e também avançou sobre as florestas da Sibéria, Canadá e mesmo Alasca. Os poucos remanescentes intactos das florestas européias e da fronteira EUA-Canadá foram envenenados com a poluição e a chuva ácida. Hoje, as estimativas do WWI são de que as florestas ainda cobrem 26% da superfície terrestre, mas apenas 12% seriam de matas intocadas. O resto estaria semi-degradado ou em processo de exploração.

O Brasil não ficou de fora desse saque generalizado ao "armazém" da humanidade. Do descobrimento até o final dos anos 80, a expansão da agricultura e das zonas urbanas, o uso de madeira para lenha, construção civil e exportação de muitos subprodutos consumiram cerca de 90% da Mata Atlântica e das florestas continentais do Centro-Sul. A Amazônia ainda responde por um terço de toda a cobertura vegetal do planeta. Mas, ali, até 1989, conforme levantamento do Instituto

Nacional de Pesquisas Espaciais, INPE, os desmatamentos já somavam aproximadamente 396 mil quilômetros quadrados, o equivalente a 8,1% da cobertura florestal da região. De lá para cá, a média anual tem sido de 21 mil km² por ano. Na floresta amazônica internacional (somando os oito outros países para onde se estende a Bacia do rio Amazonas) a média de desmatamentos é da ordem de 16 mil km² por ano.

O mais grave, no Brasil e nesses países vizinhos, não são os totais numéricos, que a rigor podem ser considerados pequenos, se comparados às reservas florestais ainda intactas. O mais grave é a relação de troca que ainda mantemos com a última grande floresta, apesar das evidentes lições sobre as consequências da exploração desordenada, em todo mundo e no Centro-Sul brasileiro. Na Amazônia, ainda trocamos o armazenamento secular de carbono e inúmeras riquezas vegetais pelos dólares de exportação ou do contrabando, invariavelmente canalizados para as zonas urbanas, sem retorno para as regiões de origem. Trocamos as matas por uma agricultura de subsistência, incapaz sequer de capitalizar-se com o aproveitamento da madeira. Trocamos as reservas inestimáveis de fauna e flora por pastagens e culturas, transformando os restos de árvores na fumaça das queimadas. Trocamos a proteção vegetal do solo por estradas vincadas pela erosão, por rios assoreados pelo garimpo, por inundações de hidrelétricas pouco produtivas. Em resumo: deixamos evaporar a riqueza natural acumulada no nosso "armazém geral" em troca de poucos benefícios, por falta de uso racional, por falta de planejamento e por falta de controle sobre o exército de aproveitadores, que hoje tira das florestas o que pode, com alto nível de desperdício.

Em alguns países do Primeiro Mundo, o estado crítico das reservas florestais serviu de alerta e levou a mudanças nas políticas de exploração e comércio de subprodutos, incluindo planos de manejo, que nada mais são do que o "pagamento" ao "armazém geral" pelos benefícios desfrutados. Não desmatar além da capacidade de recuperação das espécies vegetais, adubar e proteger o solo contra erosão, reflorestar, proteger contra incêndios, são maneiras de retribuir os subprodutos florestais extraídos, contribuindo para a manutenção das reservas. A redução dos desperdícios com o uso de novas tecnologias e com alternativas de reciclagem também faz parte de uma nova relação de troca do homem com as florestas. Algumas culturas já aprenderam que não podem usufruir eternamente do "armazém geral" sem pagar, sob o risco de ver as reservas desaparecerem. Infelizmente, os países do Terceiro Mundo - e o

Brasil no topo da lista - ainda são pobres, ignorantes e desgovernados demais para entender que o futuro das reservas florestais depende de uma mudança - agora - nessa relação de troca.

Será impossível utilizar as lições duramente aprendidas pelos países que perderam suas florestas e hoje lutam para recuperar, não só as reservas de madeira, mas a qualidade da água, a integridade dos solos e outros itens essenciais à vida, direta ou indiretamente associados às florestas? Terá o Brasil de percorrer todo o caminho da degradação para aprender a racionalizar?

O futuro das florestas confunde-se com o futuro das civilizações. Não é preciso manter santuários intocáveis enquanto se morre de fome nas vizinhanças. Mas certamente também não é saqueando o estoque de qualquer jeito que se assegura esse futuro.

FIM